

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

## RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 7a, R. do Ouvidor.

Assinatura

Anno (Corrente) 100.000  
Semestral 6.000  
Anno (preço) 14.000  
Ano (xvi) 50.000

1º Anno. — Volume 1. — Número 3.

PARIS 5 DE JUNHO DE 1884

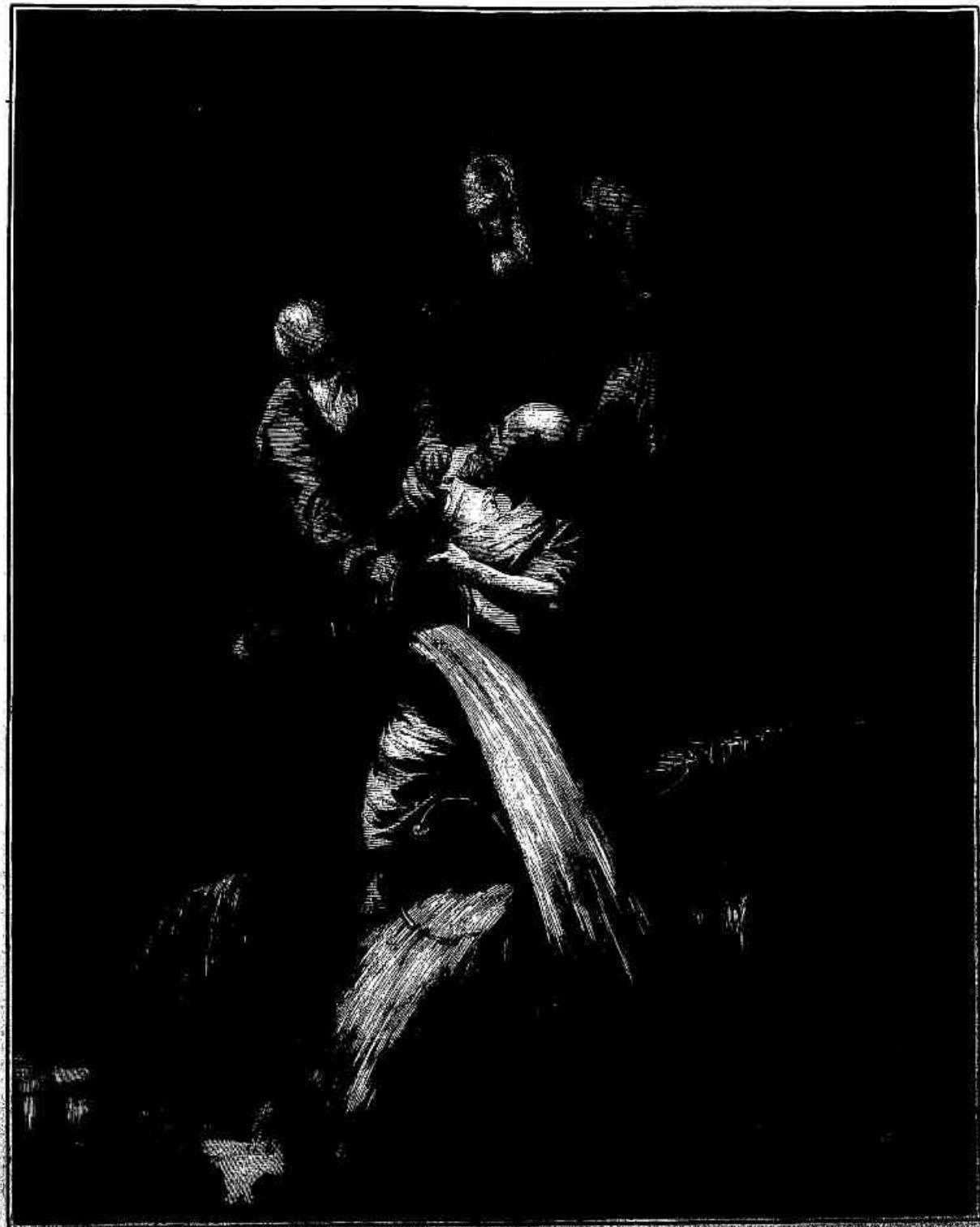
Director : Mariano PINA, 7, rue de Paix.

## LISBOA

D. António, 42, R. da Atalaia.

Assinatura

Anno 2.400  
Semestral 1.200  
Trimestral 600  
Ano (xvi) 1000



DE SORDELM NOS CEUS

(A lenda de São Meleard.)

## SUMMARY

**TEXTO:** *Chronique*, por Mariano Pina. — *Expediente*. — *As nossas gravuras*: Desordem nos céus; a Partida de Jacob; Ch. Wurtz; a catedral de S. Paulo de Londres; a Exposição agrícola de Lisboa; a China contemporânea: *Um tribunal em Shanghai*; o Marquês de Tsung. — *Londres*, por Luiz Guimarães. — *A Inglaterra e a França julgadas por um inglês*; por Eça de Queiroz. — *Exercícios e casos difíceis*. — *Theatros*, por J. M.

**GRAVURAS:** Desordem nos céus. — Salão de 1884; *A partida de Jacob*, quadro de R. Amador. — O Ilustre químico Ch. Wurtz. — A catedral de S. Paulo de Londres. — A Exposição agrícola de Lisboa, desenho de Manuel da Maceira e de Christino. — A China contemporânea: *Um tribunal em Shanghai*. — O marquês de Tieng.

## CHRONICA

 Ma d'estas noutes o corpo estava-me a pedir theatro...

Ha momentos assim que ninguem sabe explicar. Momentos terríveis de despotismo que nos obrigam a abrir constantemente a bolsa, mesmo quando nós temos a convicção de que esse dinheiro nos faz falta ou de que estamos offendendo as nossas tradições de avaro.

... Mas empurram-nos. Ha uma força estranha, mãos ocultas que nos tiram os luixes de algibeira para os irem trocar, gastando todo o dinheiro que possuímos contra a nossa expressa vontade.

Nesses momentos pagá-se por cem francos um objecto que vale dez;

damos dobradas gorgetas aos criados que nos servem com mau modo;

e chega-se ate ao extremo de alugar uma carriagem-solo para um passeio de meia hora de Paris a Saint-Cloud.

Se nesse momento uma mulher se aproxima para a vender um fruste beijo insípido — pagá-se esse beijo com todo o dinheiro que se tem e com todo o dinheiro que se pode pedir emprestado aos amigos.

E por causa de muitos momentos assim que muito boa gente tem aproximado um canudinho preto ou ouvido direito e fazendo punhais, introduzem uma migalhinha de chumbo nos nimbos, o que, segundo me têm dito pessoas autorizadas, não é dos mais finos gosos que a Terra proporciona aos seus habitantes...

... As vezes a aparição de semelhantes momentos que nos obrigam a fazer coisas que nos estávamos longe de realizar — depende de muito pouco.

Um individuo está jantando com a mesma indiferença, a mesma tranquilidade, o mesmo ar aborrecido da vespereira.

Vem a sopa — e toma-se...

Vem o peixe — e prova-se...

Vem o assadito — e come-se...

Até aqui nada se passou de extraordinário. Mas a criada aparece com uma couve-flor embrulhada numa sauce blanche que satisfez primorosa;

o paladar de repente acorda, sensualmente excitado;

o roquefort sabe-nos melhor do que nunca; ate se abre metade garnida de velho Pommard;

ha desejos de comer um bocadinho, só um bocadinho, de döce;

e come-se...

A um canto da chaminé uma garnida de

Champagne onde se lê em letras d'ouro *Montebello*, sorri... sorri... sorri...

Até que se abre!

E vem o café.

E vem um charuto.

E uma hora depois, em vez de se estar agarrado á banca do trabalho, as ordens do Dever e ás ordens da Obligação — encontra-se um cavalheiro de perna tracada, diante do Coquelin, da Judic ou da Sarah.

E foi assim também que eu hontem meachei n'um fauteuil da *Comédia França*, assistindo a uma representação da *Estrangeira* de Dumas filho, que serviu d'estreia na casa de Molière a Blanch Pierson, um dos bons typos de mulher dos theatros parisienses.

... Todas as vezes que em Paris se faz alguma cousa que já se tenha feito em Lisboa, é com um grande sentimento de curiosidade e de interesse que eu procuro observar o facto, para comparar com o que na minha terra se faz. Lisbon ás vezes está a par, e algumas vezes mesmo está superior.

Todo o português mais ou menos extrangeirado, todo o português que um dia pode por pé no boulevard dos Italianos, tem uma grande tendência a olhar o seu paiz — como um paiz de idiotas!

Comigo — talvez porque eu seja um modelo de idiotismo dos mais perfeitos e dos mais acabadiños — comigo dá-se porém um facto estranho:

... (Devo os prevenir de que tenho mais companheiros na maneira de ver as coisas)...

Cada dia me convenço mais de que o meu paiz — á parte o aviltamento de certas camadas resultado da desmoralização política — é um paiz onde ha talento a valer.

Eu, litterato, só sei fallar de litteratura — e artes correlativas.

Que os outros tratem de pôr em evidencia as glórias dos seus officios.

... Tenham a bondade de comparar o nosso paiz com os pequenos paizes da Europa, com os grandes mesmo como a Hespanha, e de comparar o que ha por lá com o que nós temos.

**Romancistas:** — Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco, euquais os primeiros romancistas de França, superiores a todos os romancistas de todas as Hespanhas, superiores ate aos romancistas belgas — irmãos dos romancistas franceses.

**Poetas:** — João de Deus, Guerra Junqueiro, Antero do Quental, e perdemos ainda ha pouco Gonçalves Crespo, parnasiano igual aos melhores parnasianos de França que se chamam Sully-Prudhomme, François Coppée, Théodore de Banville, Catulle Mendes.

**Historiadores:** — Oliveira Martins, Pancheiro Chagas, Theophilo Braga.

**Criticos, JORNALISTAS, DRAMATURGOS:** — Ramalho Orsião, um escriptor que possue toda a mordacidade e todo o humorismo de Henri Rochefort; e toda a beleza de estylo de Emílio Zola. — Pinheiro Chagas, a mais bella organização de jornalista que tenho encontrado, que em Paris teria fundado o *Figaro* com Villemessant; e em New-York o *New-York Herald* com Bennett. — Benito Coelho, o homem que fundou em Portugal o *Diário de Notícias* no genero

do *Petit Journal*, o jornal mais bem informado de Paris como o *Diário de Notícias* é o jornal mais bem informado de Lisboa, — Antonio Ennes, uma excelente organização de dramaturgo, mas atrophiada por uns restos de mau romancismo, — etc., etc.

E entre os jornalistas portugueses destaca-se um artista de primeira ordem, mas de primeira ordem não em Portugal mas na Europa, um artista superior no seu gênero a tudo quanto existe em Hespanha, em França, mesmo em Inglaterra, onde ha mais perfeição de desenho, mas onde não ha lapis com tanta graça, nem com tanta phantasia, nem com tanta mordacidade como este. Refiro-me a Raphaël Bordallo Pinheiro.

Emfim...

Portugal, este paiz de idiotas como muita gente portuguesa lhe chama, tem talentos magníficos, podendo produzir obras se não melhores, pelo menos tão boas como as que fabricam os pequenos estados europeus, e em todos os gêneros — ou sejam trabalhos d'espirito ou sejam trabalhos de braço...

... E era isto mesmo o que eu pensava hontem, passeando sózinho ao longo do foyer do *Theatro França*, olhando de quando em quando para um busto de Musset, perol meigo e olhar dum a doçura misteriosa de mulher — ou para um busto de Molière, bigode erguido vitoriosamente n'um grande ar de conquista e de ironia atrevida.

E era isto mesmo que eu pensava, n'um intervalo da *Estrangeira*, lembrando-me da maneira notabilissima como esta peça foi representada em Lisboa pelo grupo de artistas que actualmente exploram em sociedade o *Theatro de D. Maria II*.

Quando as vezes deparo com certos artiguihos que abri chamam (por ironia ou por ignorância...) críticas, artiguihos terríveis onde se ferra medonhamente o dente em *D. Maria*, na *Trindade* e em *S. Carlos* — theatro este que eu odeio pela simples razão de receber um subsidio de 25 contos de reis... uma ladoceria para só subsidiar artistas e arte extrangera — sinto que o tesouro do meu paiz não temia dinheiro bastante para mandar os criticos n'um porão de navio, a ferros, até ao Havre, e d'ali em carruagem cellular até Paris, para lhes mostre o que por aqui ha.

... Em Janeiro de 83, Jayme de Seguier e eu, fomos ver ao *Theatro França* uma recita do *Monte ou l'on s'ennuie*. A parte Mademoiselle Brohan e a Reichemborg tudo mais era um horror, sem nemhum d'elles competir com os nossos actores.

Agora assisto a uma representação da *Estrangeira*, e á parte o genio extraordinario de Coquelin, em todo o caso preffro o soberbo tipo do duque de *Septimons* criado por Augusto Rosa, ao tipo criado pelo actor frances.

O papel que João Rosa fazia tão admiravelmente é aqui desempenhado por um mediocre com pretenções.

Joaquim d'Almeida foi superior no papel de Clacksonao actor Lefebvre, que reputação da casa de Montrouge.

Barcel, o gênio que substituiu Sarah na *Comédie* e interior n'esta peça a Virginia,

uma grande actriz dramatica como não ha duas em Paris.

É mesmo para haver ainda superioridade no desempenho de Lisboa sobre o desempenho de Paris, Blanche Pierson em certas scenas tanta pose fez, que foi por vezes peior que a sr.<sup>a</sup> Carolina Falco, que nunca comprehendeu o papel da *Estrangeira*, como eu também nunca comprehendo e hoje ainda muito menos o motivo porque a sr.<sup>a</sup> Carolina Falco tem conquistado a reputação d'umadas primeiras actrizes do theatro portuguez.

Na comedia i... Não me parece.

Na tragedia i... Pelo amor de Deus!

No drama i... Mas a grande belleza do drama consiste em ser representado d'um modo totalmente diferente d'aquelle como a sr.<sup>a</sup> Carolina Falco o representa i...

Accrescentem aos artistas que apontam os nomes de Brazão e de Antonio Pedro, de Rosa Damasceno e de Gerrudes, quatro artistas de primeira ordem não em Lisboa mas em Paris;

juntem a estes todos os artistas que formam a segunda camada de *D. Maria*;

e podem ter a certeza de que em Lisboa se representa uma comedia tão bem como em Paris, onde muitas vezes pelo dobro e pelo triplo dos preços de Lisboa se vêem pessimos desempenhos, decorações detestaveis, espetáculos que os imbecis aturam, suporam e acham bom, porque no palco se fala uma língua que elles não percebem.

Ao findar o ultimo acto da *Estrangeira* entendi que era do meu dever de escriptor portuguez dizer a todos quantos me lêem :

1.<sup>o</sup> — que a arte de representar está sendo em Portugal uma das mais bellas manifestações artísticas do paiz;

2.<sup>o</sup> — que o theatro de *D. Maria* está a par dos primeiros theatros de Paris — *Comedia Francesa, Gymnasio, Vaudeville*;

3.<sup>o</sup> — e que n'estes raras vezes se apresenta uma peça com o primor scenographicico com que certas peças se apresentam em Lisboa.

Aos cavalheiros da mā língua que vão esquartejar esta chronicá chamando-lhe certamente uma *réclame* ou um bilhete de visita de auctor em embryão, devo dizer : que meu peito não abriga um único original;

e que se algumas censuras tenho a fazer, é a levianidades que ainda aparecem de tempos a tempos em *D. Maria*, pondo-se em scena traduções ou arranjos de peças francesas, sem se ouvir o auctor e sem se lhe pagar a parte que lhe compete pois que é elle o proprietário — o que constitue um verdadeiro roubo litterario.

E as censuras não devem caber todas à sociedade dos artistas. Devemos censurar especialmente o commissario do governo, que em nome do Paiz e em nome da Lei, consente em todas as falcatrarias litterarias que ainda se fazem n'aquelle casa, sem protestar, como é do seu dever.

Eu sei que é deveras inocente pegar n'uma peça que está impressa em frances, traduzil-a, dala-a a um theatro, e receber tanto por cada recita.

Mas essa peça tem um auctor que em Paris vive apenas da sua pena, e que confia na equidade da lei para ter garantida a propriedade da obra.

Ora pegarem n'essa obra; pôrem-na em scena; ganhem com ella; emprezario, actores, traductor e mais todo o pessoal d'um theatro, sem se mandar ao auctor um patuço para que beba um copo de genebra — é roubo vilmente.

É necessário que por uma vez acabem estas vergonhas de traduções, e que o commissario do governo junto do theatro de *D. Maria* comprehenda no menos uma vez os seus deveres — proibindo que na casa que o Estado vigia se não façam ladroeiras!

MARIANO PINA.

## EXPEDIENTE

**N**ão podemos deixar de mencionar com um vivo sentimento de orgulho o exito brilhante que obteve em todo o Portugal o i.<sup>o</sup> numero da Ilustração.

A empreza era devorada arriscada, tanto mais que se tratava de apresentar um jornal em tudo semelhante aos primeiros jornais de Paris e de Londres, vendendo-se em Lisboa e no Rio de Janeiro por um preço multissimo inferior ao que custa cada numero da Illustration ou do Graphic em qualquer d'estas duas cidades.

O mercado portuguez estava farto de jornais que se vendiam por preços exorbitantes, tendo um acanhado numero de paginas, de gravuras e de leitura.

A nossa ideia era vender barato uma Ilustração luxuosa, uma Ilustração redigida e impressa em Paris, para abranger os acontecimentos de todo o mundo, em tudo igual ás ilustrações de Paris. — E conseguimos o nosso fim! E realisámos a nossa ideia!...

O acolhimento que o i.<sup>o</sup> numero da Ilustração encontrou no público portuguez foi enorme. E não sabemos com que palavras agradecer aos nossos colegas da imprensa portuguez que declararam espontaneamente ser o nosso jornal

### o primeiro do seu genero em Portugal

fazendo os maiores elogios á sua redacção, á sua execução artística, á belleza das gravuras e a extraordianaria modicidade do preço.

E de tal ordem foi o exito obtido n'um paiz onde os editores de jornais, ilustrados são os primeiros a confessar que a maior das suas tiragens é de 3.000 exemplares, que o i.<sup>o</sup> numero se esgotou desaparecendo a edição de

### 6.000 Exemplares

que mandáramos para Portugal, sendo-nos pedida telegraphicamente a reimpressão dos dois primeiros numeros para satisfazer ás exigencias da assinatura, passando-nos agora a enviar regularmente

### 9.000 Exemplares

de cada numero que for sahido, ao nosso zeloso e activo correspondente em Lisboa, sr. David Corazzi.

Exito igual nunca houve no nosso paiz com jornais ilustrados. O publico, porém, compra a nossa Ilustração por que lhe damos um jornal de 16 paginas, com as melhores gravuras que aparecem na Europa, e com a leitura mais cuidada e escrupulosa, isto por um preço serio, regular e digno, onde não ha exploração, onde ha apenas o desejo de tornar prospera uma empreza que espera merecer a confiança do publico portuguez e brasileiro para comprehendre outros trabalhos de mais subido valor.

Exito igual nos auguram do Brasil, — e a Empreza da Ilustração que deseja tornar conhecidos os enormes progressos que se têm feito na industria dos jornais ilustrados, está em

contracto com duas grandes officinas — uma de Amsterdam e outra de Leipzig — para poder oferecer

### sómente aos seus assinantes

um novo genero de suplementos artisticos, além das 16 paginas que formam cada numero do nosso jornal, genero totalmente desconhecido em publicações portuguezas.

Estes suplementos só acompanharão os numeros expedidos aos assinantes, não se vendendo um só nem nas livrarias nem com os numeros avulso.

Publicamos hoje o primeiro trabalho que o illustre romancista

### Eça de Queiroz

escreveu expressamente para a Ilustração. O notavel auctor do Primo Basilio passou ha dias por Paris dirigindo-se para Inglaterra, e não obstante achar-se ainda um tanto enfermo e os medicos prohibirem-lhe qualquer trabalho atuado, deu ao Director da Ilustração a boa nova de que ia ser um dos nossos assiduos e constantes collaboradores.

Dere apparecer no 4.<sup>o</sup> numero da Ilustração uma grande pagina de

### Raphael Bordallo Pinheiro.

o eminente artista portuguez, desenho commemorativo da grande festa de caridade — Kermesse — que em Lisboa se realizou sob a iniciativa de S. M. a sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia.

Esta pagina é feita com muita felicidade, e deve constituir o melhor documento historico que ha de existir de futuro da soberba festa que tanto surpreendeu Lisboa.

O artigo descriptivo é do nosso distineto collaborador Fialho d'Almeida, e para maior attractivo do nosso 4.<sup>o</sup> numero apresentaremos o retrato do poeta frances Jean Richepin o auctor do novo livro de versos Blasphemis, o traductor de Macbeth de Shakspeare, a tragedia que actualmente representa Sarah Bernhardt em Paris, o auctor da Glu representada no Rio de Janeiro com o titulo de A Mulher-Visco — retrato acompanhado d'un estudo sobre o poeta, por um outro brilhante poeta e nosso collaborador

Jayme de Seguier.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### DESORDEM NOS CÉUS

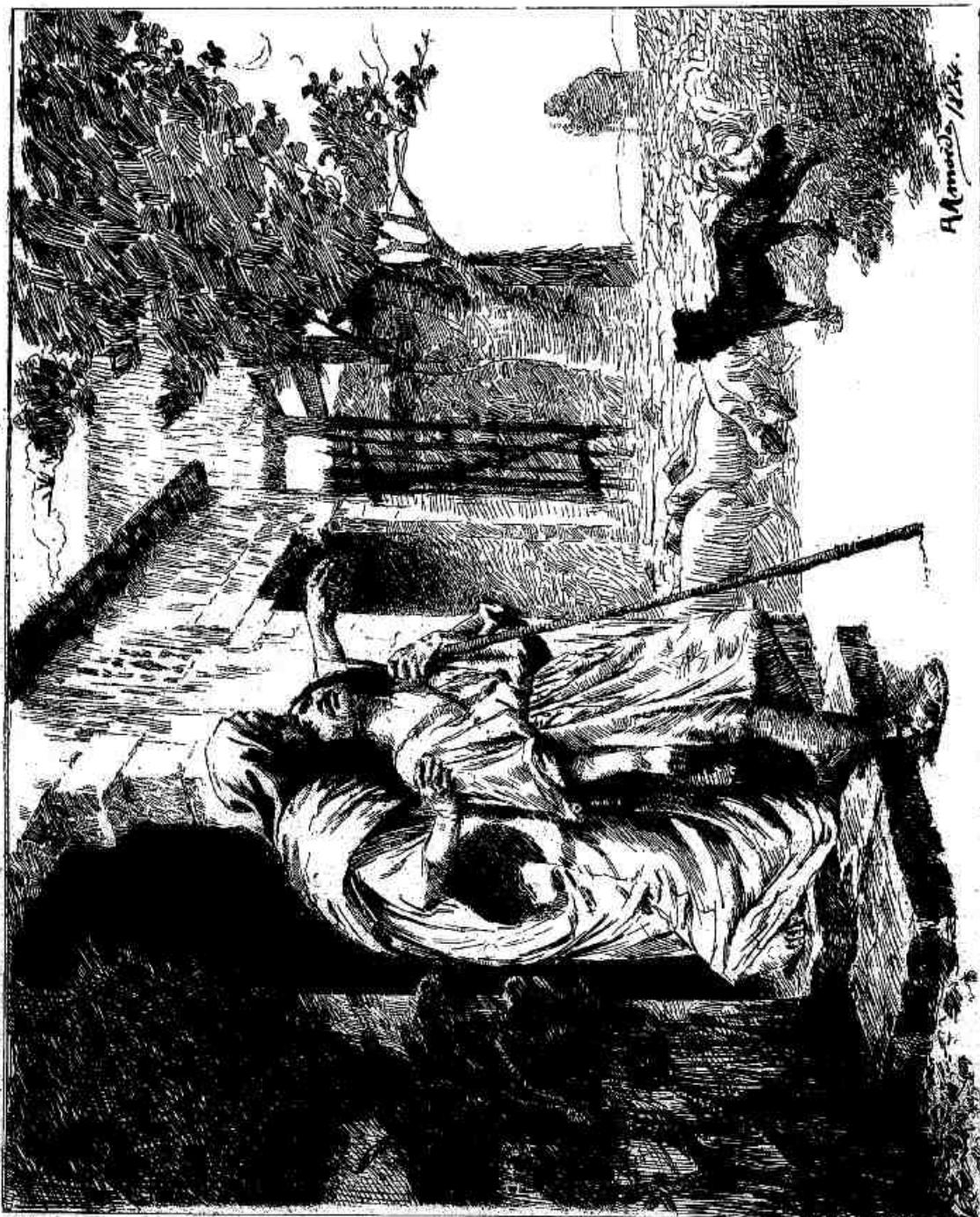
**N**o dia 8 de junho festejam os franceses o seu São Medard. Este ornamento da egreja que nasceu no anno 457 da era christã e morreu no anno 545 deu origem a uma lenda bem curiosa.

São Medard é — na opinião dos franceses — quem se encarrega lá no alto dos céus de nos mandar as chuvas da primeira quinzena de junho, estas chuvas que ás vezes destroem todo o efeito spectaculosos das corridas de Longchamps.

Quando São Medard se dispõe a divertir-se á custa da humanidade, o que lhe acontece uma vez por anno, pega nos seus baldes, e quando Paris vai a caminho do Bosque de Bolonha para assistir ao Grand-Prix, sob um céo azul e um sol explendido... zás! catrapuz!... despejale em cima um balde d'água... E adeus toilettes de primaver! adeus corridas!...

O publico foge da pelouse para se ir abrigar debaixo das barracas. O hyppodromo perde todo o seu aspecto brillante e pitoresco... E a maldicte chuva a cahir... a cahir eternamente! E São Medard que se está divertindo com o desespero dos parisenses...

E São Medard não é santo que admitem os



SALON DE 1884. — A partida da Jacob. — Quatão de Azevedo. (O senhor do autor).



O ILLUSTRE CHIMICO CH. WURTZ

Falecido em Paris no dia 12 de maio)

seus collegas do reino dos céus o virem meter o nariz nos seus caprichos e nas suas fantasias. Lembra-se de deitar agua cá para baixo — e é por que a deita! Não admite observações. Mas às vezes São Gervais e São Protais que o vêem entregue á sua tarefa, aproximam-se d'elos e dizem-lhe:

— Amigo! Deixa em paz os pobres mortais! Deixa-os gozar o bello sol de junho e os bellos céus de primavera... Não sejas cruel, São Medard! Não molhes mais a humanidade! Tem dó dos infelizes...

E São Medard começa a enfurecer-se, e responde-lhes imediatamente:

— Que temem vocês que ver com o que eu faço?... Ora vão seguindo o seu caminho. Sempre são bem atrevidos!

— Tu chamas-nos atrevidos?... São Medard! São Medard toma cautela com essa língua!

— Atrevidos disse, e ainda o repito... Atrevidos é o que vocês são, e se me fuzem subir o sangue á cabeça não lhes digo nada!...

Palavra puxa palavra, e como o Padre Eterno não pode exercer vigilância por toda a parte, os trez santos dentro em pouco estão ás brigas. São Medard temia em despejar baldes d'água; São Gervais que não é santo com que se brinque quer tirar-lhe o balde das mãos. E balde para um lado e balde para outro. São Protais o mais pacato dos trez em vão procura apaziguar-os. E de toda esta desordem nos céus quem mais soffre e mais molhado fica é a pobre humanidade, que em vez de ter chuva até ao dia 15, tem ás vezes temporal desfeito até aos principios de julho!

#### A PARTIDA DE JACOB

**A** ILLUSTRAÇÃO deseja tornar conhecidos em Portugal Brazil os trabalhos dos artistas portugueses e brasileiros que se acham em Paris, tratou de obter d'aquelles que este anno expõem no *Salon* desenhos originares reproduzindo as obras expostas.

O primeiro desenho que recebemos foi de Amoêdo, o distinto pensionista do Brazil. É um trabalho á pena, copia da tela que se vê no Palacio d'Industria. Desejando conservar ao trabalho do sympathico artista toda a delicadeza e toda a suavidade do seu traço, mandámos fazer a reprodução photographica do desenho e depois executá-lo segundo os ultimos processos químicos, aproveitando o sistema da zincografia que só em Paris se executa na perfeição.

O quadro de Amoêdo, cujo assunto o artista foi procurar á *Biblia*, representa a partida de Jacob.

As duas figuras principais são tratadas com grande esmero — perfeição do desenho e suavidade no colorido. E tanto no quadro como no *croquis* que hoje damos — o rebanho de carneiros e no ultimo plano a figura do pastor são trechos tocados com grande felicidade e sentimento, fazendo lembrar pela sua poesia tranquilla algumas das vagos planos dos quadros campestres de Millet.

O sr. Amoêdo é um dos pensionistas mais distintos e mais talentosos que o Brazil tem mandado para a Europa.

Ainda no *Salon* passado era deveras notável o seu grande quadro *O ultimo dos tamayos*, — e Parece-nos que dentro em poucos annos o Brazil ha de possuir mais um artista de subido valor, tratando com larguezza e talento os assuntos do seu paiz, como já o tem feito os srs. Pedro Americo e Victor Meirelles.

A *Illustração* agradece ao intelligente artista a extrema amabilidade com que respondeu ao desejo de o vermos collaborar no nosso jornal — e felicita-se por poder oferecer aos seus leitores do Brazil a copia dô quadro que um seu compatriota expõe n'este momento no *Salon* de Paris, copia que tem o subido valor de ter sido feita expressamente pelo proprio auctor, para a *Illustração*.

#### WURTZ

**A** SCIRNCIA está perdendo os seus trabalhadores mais illustres e mais dedicados. No seu 1º numero a *Illustração* teve a magia de cobrir de lucto uma das suas paginas, ao apresentar aos leitores o cabeça-venerável e sympathica d'esse velho notável, d'esse chimico celebre que se chumava J.-B. Dumas.

Hoje um novo entero passa na nossa frente, e noite d'uma cova a sociedade vê desaparecer um outro chimico celebre, companheiro de Dumas.

Charles Wurtz nasceu em Strasburgo em 26 de novembro de 1817, estudando medicina n'esta mesma cidade, sendo chefe dos trabalhos químicos de 1839 a 1844, tendo recebido o doutorado em 1843.

Entrando em Paris, foi preparador do curso de química orgânica da Faculdade (1845), chefe dos trabalhos químicos na Escola das artes e manufaturas, substituto (1849), professor no Instituto agronomico de Versailles (1851), e, depois da aposentação de Dumas e da morte de Orfila (1853-1854), titular das duas cadeiras reunidas sob o nome de curso de química médica.

Eleito membro da Academia de medicina (1856) Wurtz fez tambem parte do comité de hygiene, da sociedade química de que mais tarde foi secretario, da sociedade filomatique, etc.

Nomeado deão da Faculdade de medicina (1866), fez-se notar pela sua firmeza e pela sua moderação, quando houve as celebres revoltas dos estudantes de Paris ao saberem que os seus melhores professores tinham sido denunciados ao senado francêz (1867-1868).

Deu a sua demissão de deão em abril de 1875 e foi nomeado, no 1º d'agosto seguinte, professor de química orgânica na Faculdade de sciencias.

Em julho de 1865, por indicação da Academia das sciencias, obteve o premio biennal de 50.000 francos, credo pelo imperador, e em 1878 a grande medalha *Faraday* da Sociedade real de Londres.

Em 1867, foi eleito membro da Academia das Sciencias (seção de química), para o lugar vago pela morte de Pelouze. Condecorado com a Legião d'Honra em 1850, promovido a oficial da mesma ordem em 1863, como membro da seção francesa do jury internacional da Exposição universal de Londres, foi nomeado commendador em 1869.

Ch. Wurtz fazia parte de todas as sociedades científicas da França e do estrangeiro. Deixa um grande numero de obras d'um immenso valor que contribuiram, juntamente com os trabalhos de J.-B. Dumas, para os grandes progressos da química, obtendo muitas e as mais elevadas recompensas nacionais. Era senador francêz inamovivel desde 1881.

Será necessário recordar aos que nos leem e que já atravessaram as aulas de química, que era Wurtz o grande defensor e o grande propagador da teoria atómica que é hoje a preferida á teoria dos equivalentes, e que é d'elos tambem o grande dicionário de química, que todos folheiam — medicos, professores e discípulos?

Nas progressos da química as glórias da França eram: Dumas, Wurtz e Pasteur. Hoje só lhe resta Pasteur, de quem vamos dar o retrato no proximo numero da *Illustração*. O seu nome está de novo sendo aclamado por todo o mundo científico. — Pasteur acaba de descobrir o meio de combater radicalmente a hydrophobia!

#### A CATHEDRAL DE S. PAULO

**A** MAGNIFICA gravura que hoje damos representa um dos mais importantes monumentos arquitectónicos da Europa — a cathedral de S. Paulo, em Londres. Acha-se collocada no centro da *City*,

no coração da cidade onde afflue a grande vida comercial, e é um dos edificios mais notáveis da capital da Grã-Bretanha.

Construída segundo os planos de Christovam Wren, foi começada em 1675, concluida em 1710 e benzeram-a em 1697.

O edificio, em forma de cruz latina, com uma cúpula, é muito parecido com a egreja de São Pedro de Roma, mas muito mais pequeno. A nave tem de comprimento 156 metros e 36 m. de largura. A cúpula tem interiormente 68 metros d'altura e 123 m. stá ao extremo da cruz. Esta egreja é maior de todas as egrejas cristãs depois de São Pedro de Roma e da cathedral de Milão.

A sphera e a cruz de ferro que terminam a cúpula pesam 4.032 kilogrammas; e a sphera tem 1 m. 80 de diâmetro podendo conter 14 persons.

A cathedral de S. Paulo em Londres é uma especie de Pantheon, onde estão os restos mortais dos grandes homens de Inglaterra, especialmente dos seus mais celebres almirantes como Nelson e outros.

Ao sul da nave, proximo do grande orgão, ha uma escada que conduz á biblioteca (110 degraus acima do solo) e onde existem para cima de 7,000 volumes. Do alto da torre (616 degraus acima do solo) admira-se um soberbo e extraordinario panorama de Londres. No mes de maio celebra-se na cathedral de S. Paulo, como sucede todos os annos, uma grande festa em beneficio das viuvas e orphãos dos padres da egreja anglicana.

Se podemos oferecer aos nossos leitores tão soberba gravura é por que realizámos ha pouco novos e importantes contratos com casas inglesas que nos cedem simplesmente a nós a publicação em lingua portugueza de tão priuerosos trabalhos.

#### EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

**R** EALIZOU-SE em Lisboa uma soberba exposição agricola. Toda a imprensa portugueza se tem ocupado largamente d'este importante acontecimento, e a melhor noticia que poderíamos dar era apresentar um *croquis* da exposição, o que hoje fazemos.

Foi uma festa brilliantissima e uma festa verdadeiramente nacional, por que é especialmente da agricultura, do seu desenvolvimento e do seu aperfeiçoamento que hoje depende o futuro do nosso pequeno paiz, que ainda está á espera de que a Europa civilizada o aprecie como deve, do nosso pequeno paiz ácerca do qual ainda correm as lendas mais phantasticas de atraço, de selvageria e de pobreza, mas que possui dentro em si magnificos elementos para se transformar n'uma nação tão prospera como a Belgica ou como a Hollanda.

Uma das grandes razões por que Portugal não prospera, uma das grandes causas que o obriga as mais das vezes a ficar para o lado e a ficar para traz quando devia ser o primeiro — é que no nosso paiz o que mais predomina é a mania de se querer fazer o que exactamente se não deve!

Portugal não pode nem deve ser um paiz onde as primeiras actividades se gastem na politica — e todo o portuguez mais ou menos quer ser um politico, todos desejam ter influencia e preponderancia no Terreiro do Paço e em S. Bento.

Portugal não pode nem deve ser um paiz militar — e só se pensa na sustentação d'um exercito que de nada nos pode servir pois que no momento d'uma grande crise europeia só nos liço de salvar as nossas relações diplomáticas... e só se pensa em dar a todo o paiz o aspecto tristonho e desconsolador d'uma caserna alema.

Os primeiros passos para o desenvolvimento rápido do nosso paiz consiste:

1.º — Em se fazer exactamente o contrario do que em geral se tem feito;

2. — Em dizer bem d'aqueilo de que geralmente se diz mal;

3. — Em se dizer muito mal, mas muito! d'aqueilo de que se está acostumado a dizer bem.

Deve-se acusar para sempre com o espetáculo balófo das *paradas*, e substitui-las por exposições brilhantes como esta que ha pouco se realizou.

Devem-se substituir todas as fortalezas por oficinas; todos os quartéis transformá-los em eréches.

Em vez de se mandar oficinas assistir a manobras e comprar metralhadoras, mandem operários estudar as primeiras fábricas da Europa e da América.

Em vez de se comprar artilharia, paguem-se largamente professores estrangeiros para que ensinem no nosso país certos ramos de artes e indústrias que precisam ser desenvolvidos.

Em vez de se importar um estupido torpedó, exporte-se uma pipa de bom vinho!

Em vez de se comer por pratos estrangeiros, coma-se por pratos nacionais que se podem fazer mais bellos e com melhor barro!...

A realização d'este importante certame agrícola andam ligados muitos nomes que são dignos dos maiores elogios. Falta-nos o espaço para biographar cada membro da illustre comissão de per si. Dois, porém, e que synthetizam todos os outros, não podem deixar de ser nomeados — S. M. el-rei o sr. D. Fernando, e o actual ministro das obras públicas, sr. António Augusto d'Aguilar — os dois presidentes da grande comissão.

Dois nomes verdadeiramente sympatheticos em Portugal; dois nomes que andando intimamente ligados à vida política do país tem sempre passado incolumes, adquirindo a maior victoria que se pode obter nas pequenas sociedades, onde as invejas são numerosas e inúmeras as injúrias e as ingratidões — nem um reparo, nem um ataque, nem uma inimizade.

Sobretudo o facto toma ainda mais vastas proporções quando se trata não d'um príncipe, mas d'um simples ministro. Mes António Augusto d'Aguilar tem trabalhado tanto, — é uma individualidade tão moderna e tão honesta, — tem introduzido tanta ideia nova nas velhas e trópegas tradições da antiga política portuguesa, — tem sido um tão poderoso divulgador de bom-senso e de causas utéis no mundo das secretarias, — tem espalhado com prodigalidades de nababo tanta sensatez e tantas ideias pelas pobres e melancólicas columnas do *Diário do Governo*... que o peiz inteiro não pode deixar de o respeitar e de o applaudir, e os contrários calarem-se pela simples e bem ingenua razão de que se não pode facilmente provar que uma causa é má quando toda a gente tem percebido que essa causa é boa!

A *Ilustração* pediu para Lisboa um desenho da Exposição agrícola, instalada na Tapada da Ajuda. A pagina que hoje damos reproduz fielmente o croquis dos srs. Manuel de Macedo e Christino, os dois conhecidos artistas que se encarregaram de fazer de colaboração este interessante trabalho. Para isso empregámos os ultimos processos da gravura chímica para que o desenho não sofresse na sua simplicidade e elegância a minima alteração.

#### A CHINA CONTEMPORÂNEA

Um tribunal em Shanghai

**A** PRESENTAMOS hoje na *Ilustração* uma página de Felix Regamei, o distinto pintor francês que melhor tem interpretado os assuntos da China e do Japão.

A nossa gravura representa um tribunal de Shanghai para julgares questões entre chinezes e europeus. As audiências são públicas.

Os reis indígenas são tratados a chineza, o que quer dizer que todo o acusado é suposto de criminoso, e por isso os agentes da autho-

ridade que os guardam usam para com elle de todos os magnanimidades do chicote. No nosso desenho vêem-se dois pobres diabos na attitude supplicante que costumam usar nos tribunais. Estão em presença d'um velho mandarim que acaba negligentemente um bom cigarro que lhe foi talvez oferecido pelo consul inglez — seu collega para o acto — e que se leva a sun direta.

Estes dois cavalheiros são acompanhados d'um escrivão sentado no extremo da meza, sobre a qual se vê a mão symbolica da justiça em metal branco, um diabo de mão que tanto pode servir para inspirar respeito como também para desencorajá-los.

#### LONDRES

Como um gigante suarento, — dorme  
Nos pardos mantos d'uma nevoa estranha,  
A cidade opulenta em cuja entranya  
Rasteja a fome como um verme enorme.

Dos lampões a dubia claridade,  
Passam, repassam vultos cautelosos :  
Este procura no mysterio os gosos,  
Procura aquelle um pão, na realidade.

Contra o caos solitário o rio escuro  
Geme convulso e espuma, — e novamente  
Volta a gemer, de encontro ao velho muro;

Retine o ouro : — vêla a Industria ingente,  
Cresce a miseria, e aumenta o vício impuro.  
Oh millionaria Londres indigente!

Luiz GUIMARÃES.

#### A INGLATERRA E A FRANÇA

JULGADAS POR UM INGLEZ

**H**a dias encontrei sobre a minha mesa, encenho com desordenadas garatujas trez folhas de papel Whatman, uma carta em que o meu cão D. José conta as suas impressões de França à minha gata *Pussy*.

D. José é um cão inglez, gordo, sisudo, conservador, que agora pela primeira vez sahio d'Inglaterra comigo, e veio descansar d'um rude inverno suxónico n'estes ares suaves, tepidos, quasi latinos, do peiz d'Anjou. *Pussy* é uma gata ingleza, cão de manteiga, que ficou em Inglaterra, cascamente, a dormir ao canto do fogão.

D. José pertence a essa raça de cães illustre e historica que os ingleses chamam *pug* e os franceses *carlin*. Italiano d'origem, introduzido em França pelo cardenal Mazarin, o *carlin* tornou-se d'esse o seculo xvii o cão favorito da Monarchia, como o galgo tinha sido o cão fiel d'Fidalismo. E com effeito ao fim da Fronda, depois d'esse derradeiro esforço do espirito feudal, que o *carlin* mette pela primeira vez o focinho na Historia. A turbulenta aventureira dos galgos faziam incompatíveis com uma aristocracia pacificada e policiada — em que já também não havia lugar para a galanteria heroica das *Longueville*, das *Chevreuse*, das *Châtillon*; essas damas sedutoras e sentimentais, que alternaram os perquinhas do amor com a fadiga das campanhas e saídas emerrotadas da *chaise-longue*, ido com chapéus de plumas, e cercadas de galgos, gutrões na Picardia *Turenne* ou *Monsieur le Prince*. O *carlin*

pesado, obeso, pacato, ceremonioso, era realmente o cão que convinha agora à França centralizada e unificada sob a authorityde real. Por isso elle é essencialmente o cão de Luiz XIV e de Versalles, tão característico do grande seculo como as cabelleiras de cachos, a tragedia classico, e a apparatus symetria dos jardins de Le Nôtre. A maneira que Luiz XIV envelhece que vai absorvendo todo o Estado dentro da sua propria magestade, de sorte que já se não vê a França e vê-se apenas o Rei, — a importancia do *carlin* cresce, paralelamente. Ele chega a tomar parte nos Conselhos d'Estado, tão nutritivo que se não pode mover do coxim, entre Luiz XIV já cheio de rugas, já com a fistula, mortalmente enfadonho, e Madame de Maintenon hypocondriaca, coberta de negro, com o seu livro de resus na mão. Da residencia em Versalles o *carlin* conserva a nobresa das bellas maneiras, as attitudes de gala, a magestade de focinho, e esse modo d'olhar, com a pelie franzida, em que se sente o orgulho dos Bourbons e do direito divino. O seu mesmo estylo de ladra tem um rythmo pomposo que se não ouve nos outros cães: não direi que seja tão suave como um verso de Racine; mas percebe-se que esta raça havia pregar Bossuet.

Durante o reinado de Luiz XV o *carlin* permanece cão da corte, e da casa de França. Nas gravuras do tempo, nos retratos, nas paisagens de leque, não se vê nenhuma graciosidade d'anquinhas, sem ter, como contraste pitorresco da sua graciosidade, um pagem negro e um *carlin* gordo. A grande gloria todavia do *carlin* no seculo xviii foi ter sido adoptado pela Philosophia e pelas Bellas Lettras. Havia *carlin*, no salão eruditio de Madame du Deffant. Diderot tinha um *carlin*. E, attendendo à influencia que o cão exerce sobre o homem, pode-se dizer que o *carlin* não é alheio à Encyclopédia. Foi ento que a Inglaterra recebeu da França o *carlin*, como já recebera outras formas do gosto, a polidez, o corte das casacas, a correção da prosa, a ligeireza moral, os baileados e a eloquencia sacra.

Mas é só verdadeiramente durante a Revolução que o *carlin* se estabelece em Inglaterra. Depois da tomada da Bastilha elle atravessa o canal da Mancha com a aristocracia emigrada; e tendo encontrado enfim uma terra em que o povo se não considera scito do mesmo osso que a nobresa e acha até excellente que rasteje no encharro enquanto os Lords bebericam nas nuvens — o *carlin* torna-se o *pug*, faz da Inglaterra a sua patria, e fixa-se confortavelmente, e para sempre, na paz luxuosa dos castelos, ao abrigo da democracia e da *blague*.

Foi assim que o *carlin* desapareceu de França. Hoje constitue uma antiquidade. Se por acciso ainda se encontra é n'alguma silenciosa rua de villa dormente de província, seguindo tropeadamente, uma velha marquesa de carcosos brancos, que, encolhida no seu mantelete de franjas, e cosida com os muros tristes de conventos desertos, se vê arrastando para o Lausperme...

O *pug* é hoje pois, um cão exclusivamente inglez, desprendido da sua patria francesa, podendo sympathisar com ella ou detestá-la segundo uma impressão pessoal, sem que na sua clara razão actuem ou influencias d'origem, ou recordações sentimentaes. Para o *pug* o frances não passa d'um estrangeiro; e seguindo os hábitos da nação que o perdiu, ordinariamente ladra-lhe. Por isso esta carta de D. José me parece um documento sincero e instructivo. E aqui a transcrevo, com as suas inexactitudes, os bruscos resumos, as generalizações excessivas



A CATHEDRAL DE S. PAULO DE LONDRES

vas, em que se sente o animal que pensa por grosso sem as nossas distinções esmiuçadoras, a delicadeza crítica das nossas meias-tintas.

« *Pussy* amiga. — Aproveito a occasião em que nosso amo foi à Biblioteca, logar de sabedoria e de solidão, onde eu não sou admitido, para te escrever o que penso d'esta terra de França, com t' prometti ao deixar a Inglaterra, n'aquelle manhã em que fazia um nevoeiro tão triste... Aqui não ha nevoeiro — e é esta a primeira superioridade da França sobre a nossa patria, gloriosa e fusca. Sob este céu desanuviado as nebrinas do espirito dissipam-se também. Ahi as ideias (e as minhas não são difíceis) aparecem sempre tão vagas e indeterminadas como os nossos edifícios de tijolo através da nevoa humida: aqui tenho as ideias tão nitidas como estas casas caídas que se recortão, com precião e relevo, sobre o céu azul-ferrete. De manhã, no pateo do Hotel, entre as plantas em flor, quando me estiro ao sol, com todo este azul por cima, e a carícia macia do ar a correr-me pelo lombo — pensar torna-se para mim um prazer delicado.

Esta mesma influencia do céu doce tem-me tirado a hypocondria; já não sinto, como em Inglaterra, o atormentado desejo d'uvir; antes me apetece agora um ladrar ligeiro e cantante que é como a expressão triumphal da alegria de viver. É este céu temperado que dá aos franceses as maneiras suaves. Entre nós a bruma regelada actua sobre os caracteres como sobre a pelle; greta-os, torna-os asperos ao contacto. Ahi quando nos encontramos grunhimos torvamente; aqui lambemos-nos. Nada facilita mais umacivilisação que um bom clima. Ainda hontem o disia um inglez gordo que está aqui no nosso Hotel, e que manda correspondencias para o *Times* sobre Política e sobre Moral, com a assinatura de *Um amigo da Imparcialidade*: ainda hontem elle disia com aquella profundidade que o caracterisa: — *Sempre que o homem está ao sol e que esta não incomoda, experimenta, tanto moralmente, como fisicamente, uma satisfação maior do que quando está à chuva.*

A primeira impressão que me deu a França, *Pussy*, foi de uma adorável variedade, proveniente talvez da democracia. Tomo, por exemplo, as phisionomias de cães. Em Inglaterra, nós estamos divididos em cinco ou seis raças isoladas umas das outras como cartas na India, sem convivermos, sem nos cruzarmos, incompatíveis, e quasi hostis. O resultado é que, em cada classe, o tipo inicial reproduz-se em todos os seus individuos, fielmente, photographicamente, com uma monotonia intolerável. És tu capaz de distinguir um cão *fox-terrier* dos outros oito mil ou dez mil *fox-terriers* que honram a nossa patria? Não. Todos são brancos como este papel, macios como casimira, do mesmo tamanho, com o mesmo toco de rabo curto e direito, uma malha castanha no focinho, o ar ligeiro, honesto e terno. Parecem cunhados pelo mesmo molde como as libras; — e o homem que perde o seu cão não o pode distinguir mais do cão do seu inimigo.

Por outro lado tambem, como em Inglaterra todos os homens da mesma classe tem o mesmo feitio e cõr de suissa, e usão exactamente o mesmo casaco, a trasem na botoceria a mesma flor, e calçam luvas da mesma cõr, e caminham com a mesma elasticidade de passo, e falam com o mesmo timbre de voz, e saudam do mesmo modo brusco, — se um cão perde o seu dono não o pode diferenciar da multidão uniforme. Dirás tu que o deve conhecer pelo cheiro. Difícil. *Pussy*, muito difícil! Todos

os homens em Inglaterra tem o mesmo cheiro, que é composto de sabão windsor, tabacco maryland, agoa de colonia e cerviño. Dirás tu ainda que um cão pode interrogar seu amo e differenciar-o pelas opiniões: não, por que todos os inglezes tem as mesmas opiniões e exprimem-as pelas mesmas phrases. A posição d'um cão n'este caso é estonteadora; e é por isso que temos muitas vezes pensado em pôr coleiras a nossos amos.

O mesmo sucede com as casas. Como pode um pobre cão, que não sabe ler numeros, distinguir a habitação de seu amo n'esses longos quartelões de tijolo, sem phisionomia e sem individualidade, em que todas as fachadas tem a mesma porta pintada de preto, o mesmo transparente meio erguido na mesma janella, e por traz da mesma vidraçao mesmo vaso branco com o mesmo gerabio triste? Dirás tu, *Pussy*, engenhosa, que é facil penetrar pela porta entre-aberta, e reconhecer a casa pela mobilia: não, por que todas tem a mesma cadeira coberta de bezerro ao canto do mesmo fogão, o mesmo espelho na parede forrada do mesmo papel, e nos mesmos caixilhos floridos as mesmas gravuras enternecedoras. O grande horror da nossa patria é a mesmice. ora, como diz o *Amigo da Imparcialidade* com aquella elevação d'ideias que o torna tão venerável: — quando as causas se parecem absolutamente umas com as outras, começa a deixar d'haver variedade.

Aqui, n'este paiz que me custa a entender, e onde os marqueses são socialistas da subdivisão anarchista, e a restauração de Direito Divino é reclamada por bohemios sem botas da taverna do *Gato Negro* — as raças diferentes de cães crusando-se tem produzido uma deliciosa infinitade de tipos. Que phantasia, que imprevisão, que originalidade, que pelo, que focinhos, n'esta malta de cães nascidos da mistura de sangues diversos, e da baralhada de temperamentos contraditorios! Só queria que visses um amigo que tenho aqui no Hotel. O seu nome classico é *Priamo*; muito velho, muito pequeno, tem uma obesidade de conego, padece de reumatismos, resmunga e geme, entrega-se ainda à devassidão, e gosta de cerveja: quando se move é a rebolar-se, com o aspecto tonhamento d'um porquinho da India: mas ordinariamente, sobretudo depois da cerveja, está sentado de costas contra uma porta, com a barriga ao leu, o olho choroso, um bocado de lingoa vermelha pendendo-lhe do focinho, imagem estupenda d'um silenosinho bêbado!....

E as cadelas, *Pussy*! Ai, as cadelas... Que graça, que gosto, que finura, que ar leve e vibrante, que tom irresistivel de ladrar, que *pschutt* no farejar! *Pussy*, se não fosse a respeitabilidade que me dá a nutrição e o resguardo que deve ter um cão da minha tradição histórica, — eu fazia tolices.

E as senhoras tem os mesmos encantos. Acho-lhes um sentimento mais prompto que o das nossas inglesas cõr d'ouro e de marfim, e d'uma expressão mais agradável. Uma dama inglesa se me encontra com meu amo, diz-me, como lhe diz a elle, e como diria a Jesus se o cruzasse na rua: — « *Good morning, sir!* ». Aqui as francesas que me veem cahem de joelhos, com coração e os olhos em alvo, beijam-me todo o focinho, gritão n'um extasi: — « *Oh, le beau loulou! Oh, le beau cher!* ! Oh, qu'il est beau! »! Talvez as outras, com o seu seco e correcto *Good morning* sejam mais sinceras e mais profundas do que estas com os seus *loulous* e os seus *cheris*. Não importa: para mim vale mais uma beijoça que eu gozo logo no focinho, do que uma grave sympathia d'alma que fica escondida dentro dos espartilhos do coléte.

Como diz o sapientissimo *Amigo da Imparcialidade*, n'uma d'aqueellas admiraveis maximas que lembram os Platões e os Aurelios: — *As causas que estão à vista, consideradas em relação às causas que estão occultas têm tanto para o individuo, como para a sociedade, a vantagem de se poderem ver!*

Nós em Inglaterra afirmamos, com a Biblia apertada contra o coração, o a garrafa de gin escondida debaixo da mesa, que a moralidade dos nossos costumes é superior à de todas as nações do Universo. Tu sabes, *Pussy*, como esta pudica affectação nos parece divertida, a nós, cães e gatos, testemunhas permanentes da vida intima, diante de quem os seres racionaes, no seu imbecil orgulho e supondo que somos mudos não se dão ao incommodo de ter recato.... A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. *Pocilga, salão*, a diferença está aqui. O peccado entre estes amaveis franceses, é amavel tambem; doura-o um estouvamento móço; tem no fundo uma ponta de sentimento ou de sensibilidade; e no beijo mais superficial ha sempre bastante emoção para, sendo necessário, fazer uma lagrima. Em Inglaterra o peccado é bruto e cheira a agoardente.

Nós disemos tambem em Inglaterra que os franceses, cão e homem, tendem a vadiar, não appreçam o encanto do lar como elle se appreçia ahi em Inglaterra, e não tem como ahi a veneração das causas domésticas. De todos os nossos alardes, *Pussy*, é este de certo o mais desfazidamente impudente. Tu sabes, *Pussy*, como ahi nossos amos, apenas se accende o gaz, largam tão direitos e tão lepidos para o club — como estes aqui para o botequim. Sómente em Inglaterra, todo o ser racional com calças, tem um club, frequenta um club, que o retem, pelo baralho e pela bebida, longe do lar doméstico: é ahi os que vão à noite para esses logares forrados d'espelhos onde se joga um sereno dominó, e se philosopha amenamente, são em geral celibatarios e bohemios, — os mesmos que ahi vão sorumbaticamente para uma taverna sem espelhos emborcar copos de coguat. Ha de certo, entre nós, sujeitos que de vez em quando, passam a noite em chinellos ao canto do seu fogão: — mas tornão elles por accazo, com a sua presença, a sala mais animada e mais alegre o serão de familia! Nós sabemos, *Pussy*, como se passam essas horas sombrias, em que o tédio escorre das paredes, penetra pela frincha das portas, accumula-se nas pregas das cortinas... O cavalheiro, de cachimbo nos dentes, lê soturnamente o jornal, tendo ao lado o copo de cognac; madame, de touca, e broche d'ouro, tendo ao lado o copo de cognac, lê desenxabidamente o *magazine*. De vez em quando pousam o papel e ralham; e se sucede viverem n'uma harmonia bem remendada, deixam cahir a prosa e dormitam. Os filhos, se são pequenos, vivem desterrados lá em cima, na *nursery* com a creada; o papá tem apenas a respeito d'elles a vaga ideia de que estão vivos, e continuam a consummir a sua copiosa ração de pão com manteiga. Se os filhos são crescidos, estão nas colonias ou no bairro vizinho, mas sempre fora de casa, e sem relações, nem por visita nem por carta, com o lar d'origem. Se são prosperos e ricos, o pae tira-lhes o chapeo, ou falla ás vezes d'elles, ás senhoras, se falharam na vida passam a ser para o seu progenitor como velhas caixas de sardinhas de Nantes vacias, destinadas ao lixo social. Por seu lado os filhos, se se não separam da herança paterna, consideram negligientemente o pae como um mero dono d'hotel, e nem pae lhe chamam, chamam-lhe *governor*, o governador; a mãe, essa, é boa para tratar da

roupa branca, e é denominada *the old woman*, a velhota; e ordinariamente estas pessoas sentam-se a mesa, em volta do bule do chá, para disserem uns aos outros coisas desagradáveis... No entanto que está o cavalheiro lendo no seu jornal, e que está lendo a dama no seu *magazine*? Que só em Inglaterra existe o sentimento doméstico, e que só ali o lar é doce e unido. Ora nisto é que nós somos admiráveis, — na *reclame*. Atribuímos-nos modestamente todas as virtudes, negamos-as aos outros com amarço, e esperamos que o mundo nos incense na nossa perfeição. E o mundo, ingenuamente, credulamente, incensa. Quando uma nação afirma, com uma energia de ferro e uma voz de trovão, que é grande, — ella passa imediatamente a ser grande. As outras não tem tempo de ir lá verificar e como diz o *Amigo da Imparcialidade* com o seu habitual excludor de pensamento, — nunca se pode afirmar com certeza que uma proposição é falsa, em quanto se não sabe em evidência que ella é contrária à verdade.

Outra causa que me espanta aqui é o sentimento d'egalidade. Ainda hontem vi um esbelto galgo, da mais velha nobreza da Normandia com avós citados nas crónicas de Froissart, correndo e brincando com um canzurro proletário, de pelo rude, pericente as últimas camadas caninas, socialista talvez. Em Inglaterra um cão da câmara dos Lords preferiria cortar seu rabo a ser visto conversando com um cão da plebe, fosse elle tão honesto como Catão ou sólido no trabalho como uma máquina. E o que me surprehendeu é que o proletário estava inteiramente à vontade, sem timidez e sem servilismo, saltando ao galgo como a um igual, certo de que Deus os fisca a ambos cães, e com identicos direitos aos ossos d'este mundo! Em Inglaterra o cão plebe perderia a voz de comoção, ou se rojaria a lamber com idolatria as patas do galgo Lord — se um galgo de Aristocracia, por uma aberração morbida, ou n'um momento facteo d'embriaguez, ou para ganhar uma aposta excentrica viesse um instante fraternizar na rua com um cão da raté. Ora se civilisação não significa igualdade — então não significa nada. Nós os ingleses somos um povo de livres que é no mesmo tempo um povo de sevandijas. E todavia, como diz o nosso compatriota, o erudito *Amigo da Imparcialidade*, com aquella sagacidade de vistos que lhe ha-de obter o hábito de S. Thingo, — « é melhor que o homem não se abixe por que temeido, segundo as leis da natureza, uma grande probabilidade de se conservar direito. »

Passando incidentalmente a outro formoso lado da civilisação francesa, deixa-me fallar-te, *Pussy*, da cosinha. Que cosinheiros estes filhos da Gallia! E como, ao pé d'estes requintes e d'estes mólhos, nós somos ainda o sylvestre bretão coberto de pelas de feras que no fundo lóbrego da sua caverna, abocanhava pedaços sanguentos de carne mal assada, antes de S. Patrício ter aportado a estes ilhas com a sua cruz na mão, a contar-nos as coisas tristes que se tinham passado em Jerusalém!... Tu sabes que eu gosto sempre de comer com a minha sopa, uma cenoura. Em Inglaterra dão-m'a invariavelmente dura, mel-a-crua, sem sabor e lívida: aqui é tenra, é doce, é perfumada, e é d'um lindo tom vermelho... É apenas uma cenoura: mas, n'este pouco, meu Jesus, quanta graça e quanta perfeição!

Dirás tu, *Pussy*, que em compensação nós possuímos o Império das Índias. D'accordo. Mas, eu uso a cenoura por crusa dos meus encommodos intestinaes de cão gordo; e a cenoura bem cosinhada dá-me um alívio —

que de modo nenhum me dá a certesa, alias lisongeira, de que S. M. a Rainha Victoria, o quem os anjos sorriam, é Imperatriz das Índias. E se houvesse um criado tão impudicamente patriótico, quem no servir-me em Inglaterra a costumada cenoura rija e patilida, mi recordasse, como consolação e compensação, o nosso domínio nas Índias — eu mordia-lhe.

De resto, *Pussy*, eu sou inglês: sei que a Inglaterra pertence o Governo dos Continentes; sei que o seu lugar na civilização é o mais vasto e o mais nobre. Não é uma cenoura mal cosida que me esconde a grandeza moral da Patria. E sou da opinião do profundo *Amigo da Imparcialidade* que diz com a sua usual vastidão d'ideia, na sua frase tão terra: — *Suprimi a Inglaterra da face do Globo, e imediatamente verás, com surpresa e com dor, que a superfície do Globo tem uma nacionalidade de menos*. Muito justo, mas...

— \* \* \* \* \*  
Aqui sentindo-me voltar da Biblioteca D. José interrompeu a sua carta. Eu não concordo com algumas das suas opiniões excessivamente genericas. Tindava estas mesmas generalizações, abrangendo tudo n'uma só cacheirada, são caracteristicamente inglesas. Ainda hontem eu lia n'uma Revista de Londres a *Modern Society* o estudo d'um autor estimado sobre as *Mulheres Francesas*. E logo na primeira pagina este crítico, que tem a cabellera entremeada de louros, surprehendeu-me singularmente dizendo-me — « que as francesas » são todas pequeninas, de cabello muito negro e aspero como clinas, com uma cor de pelle esverdinhada, e escura, o ar oleoso, e um buço tão forte no labio superior que é quasi um bigode! » É evidente que este escriptor se enganou. Ao compôr laboriosamente o seu artigo, baseado no Diccionario de *Geographia Universal* tomou da estante por equivoco o tomo sobre Marrocos em lugar de tirar o volume sobre a França, e querendo descrever as francesas de Paris, descreveu as marroquinas de Fez. Enganos d'estes são faceis; e não obssam a que um autor continue a ser aclamado pelos seus concidadãos...

Assim tambem, ha dias, o mais esclarecido jornal de Londres, o *Daily News*, disia n'um ponderoso artigo de fundo, a propósito da guerra no Tonkin — « que Paris não é em causa alguma superior a Pekin. » É claro que este jornalista estava embriagado. Acasos d'estes podem suceder: marcha-se n'um dia frio para a redacção, entra-se n'um confortavel casté, carrega-se um pouco no cognac, sae-se pesadote e confuso; — e Pekin e Paris, dançando uma sacerdotal alegre no crânio do critico, apparecem-lhe através das phantasmas gorias do alcohol, ambos ornados de rabicho. Occurrence explicável — e que não impede que um jornal continue a banhar largamente de luz o intelecto dos seus assignantes...

Sómente, não vos parece, amigos, que, já no caso do equivoco como dicionario, já no vuito mais lastimoso da embriaguez, esta primitiva em generalizar tudo denota uma tendência condenável no espírito inglês, e na imprensa inglesa, essa lampada condutora da terra? Pois então todas as damas, mesmo que seja em Marrocos, com bigode? Não haverá sequer, na sombra languida dos harem's do Sherif uma mais favorecida por Mahomet que tenha o doce labio limpo de pello? E Paris em causa nenhuma superior a Pekin? Oh senhores, pois nem a Avenida da Ópera será um pouco melhor que a famosa rua de Chous, a principal de Pekin, onde os mendigos nus roem ossos no encharro, e as esquinas pendem

geirolas de vime, com as cabeças dos decapitados a gotejar de sangue? Pois nem ao menos Renan e o velho Hugo, e Pasteur e Vacherot e Taine serão mais interessantes que esses subios mandarins que recebem o báto de Cristal da Sabedoria desde o momento em que são aprovados em Grammatica?...

Evidentemente estas generalizações são desconsoladoras. E elas são a maneira usual de julgar na imprensa inglesa, nos livros de viagem ingleses, e na conversa inglesa.

Por isso, as desculpas em D. José. N'ele de resto, não ha o traço grosseiro e brutal. D. José, de todos os escriptores ingleses, parece-me o mais moderado. E esta moderado torna-se até estreiteza, retrai-se em escrúpulo — quando tem d'escolher adjetivos para designar o *Amigo da Imparcialidade*. Chama-lhe o *sapientissimo*, o *eruditissimo*, o *illustre*, o *profundo*... Accetáveis adjetivos quando se falle de Aristóteles, ou de Buffon; mas quando se trata d'este assombroso collaborador do *Times* de todo o ponto mesquinhos e insuficientes.

Augers, Maio.

Eça de Queiroz

## EXERCICIOS

E

## CASOS DIFFICEIS

**D**ESLIANDO inaugurar na *Illustração* uma secção puramente recreativa, mas verdadeiramente moderna, à manha do que se faz nos jornais litterarios de Paris e de Londres, fugindo o mais possível ao conhecido e já velho sistema das charadas, e mais dos logographs, e mais dos enigmas — secção que traga sempre preso o espírito do leitor, que disperte interesse, que sirva para bem entreter cinco minutos d'ocio, certos quartos d' hora da existencia que ás vezes se não sabe como se hão de matar... resolvemos criar na nossa folha os

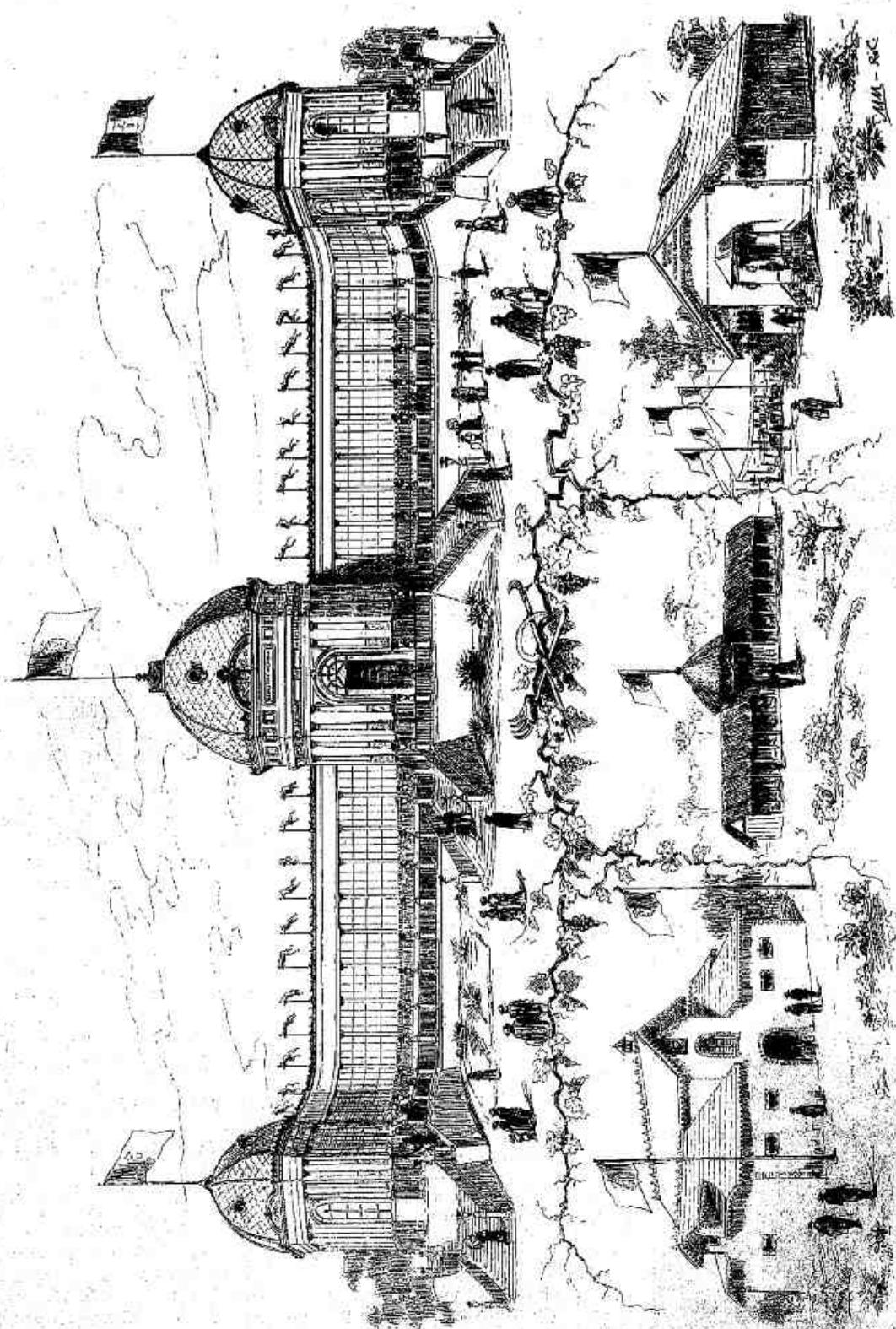
## EXERCICIOS

E

## CASOS DIFFICEIS.

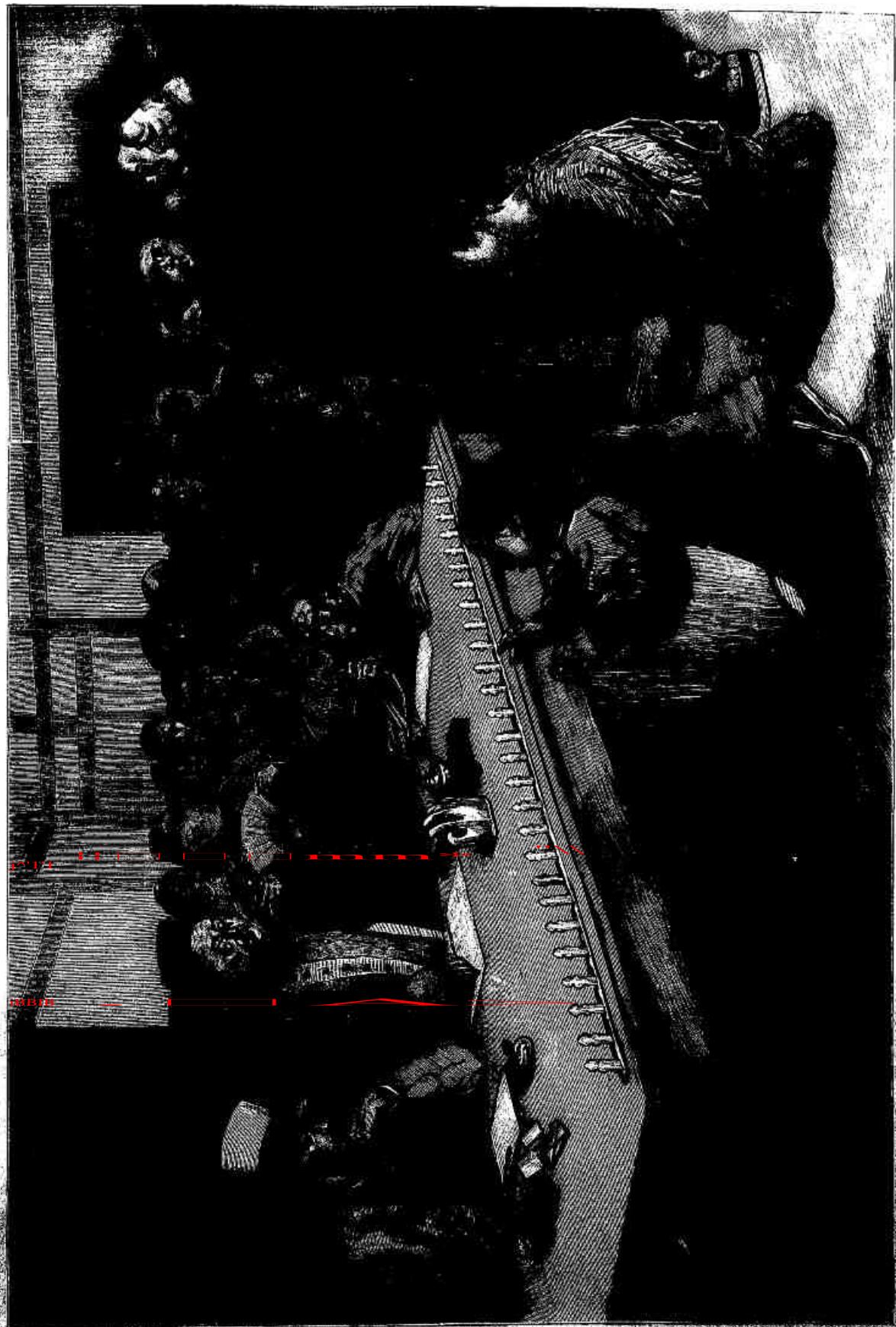
Vamos explicar o melhor que podermos este genero de « passa-tempo » inteiramente novo em jornais portugueses e que tinha necessariamente de ser inaugurado pela *Illustração*, desde o momento que a nossa folha resolveu ser a *introductora em Portugal e Brasil de tudo quanto se faça de agradável e de curioso entre os jornais ilustrados de França e de Inglaterra*.

Os EXERCICIOS são questões sérias e comicas que nós oferecemos aos nossos leitores portugueses e brasileiros para que elles as resolvam do melhor modo, enviando esses trabalhos em carta ao director da *Illustração*, 7, rue de Parme, Paris. Todas essas resoluções serão publicadas no jornal, e pela melhor que nos for enviada o auctor receberá UM PREMIO que constará sempre ou d'uma bôa agua-forte; ou d'um bom chromo, ou d'um bom álbum de photographias, ou d'um livro célebre e magnificamente impresso — tudo constituinto UM PRIMOROSO PRÉMIO PARISIENSE.



1º Pavilhão da Exposição geral. — 2º Estúdio. — 3º Aviário. — 4º Exposição oficial.

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA. — Desenho de M. M. M. e R. C. —



*dos que difícil e raramente chegam a Lisboa e ao Rio de Janeiro.*

#### EXERCICIOS A PREMIO.

Nº 1. — Pegue-se no nome d'um illustre politico português: *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello*. Com as 34 letras que compõem este nome ver quais são as palavras mais extravagantes que se podem formar. E com todas aquellas 34 letras escrever uma quadra humorística. — No primeiro caso a pessoas que mais palavras mandar o que mais extravagantes forem receberá pelo correio *uma grande photographia de luxo, própria para encaixilar*, d'um dos melhores quadros expostos este anno no *Salon de Paris*. No segundo caso a pessoa que mandar a mais engraçada quadra receberá *um premio cujo valor real será de UMA LINDA STERLINA*.

*Os Exercícios que hoje damos como vêm não são dos mais difíceis. Em todo o caso já exigem uma certa paciencia e um certo trabalho. Mas a proporção que os nossos leitores forem comprehendendo bem este processo ofereceremos então outros mais variados e mais complicados, que acompanharemos sempre de PREMIOS INTERESSANTES E VALIOSOS.*

*Os CASOS DIFFÍCEIS pertencem a um genero, inteiramente diferente, mas não menos curioso, nem menos difícil. Constan elles em achar a melhor solução que se deva dar a casos que se passam na vida real, a casos puramente de sociedade, que às vezes nos surprehendem e de tal modo nos assaltam que nós não sabemos bem como havemos de os resolver.*

*Vamos apresentar um sobre o qual pedimos aos nossos leitores que nos enviem as suas opiniões, dizendo o que fariam em semelhante situação :*

#### CASOS DIFFÍCEIS

Nº 1. — M. P. habita em Paris, onde é correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. N'esta cidade mora também uma dama portuguesa, a Sr.ª baroneza de C..., que elle, conhece apenas de vista, d'uma recepção na embaixada e d'uma noite no *Theatro Françez*. O barão de C... partiu há tempo para o Brasil em viagem científica. Por todos os paquetes escreve longas cartas à esposa que adora immenso. Mas chegaram á Europa dois vapores sem trazerem uma unica carta. Inquieta, a Sr.ª baroneza dirige-se a casa do correspondente pedindo-lhe que lhe empreste os ultimos numeros da *Gazeta* para ver se sabe notícias de seu marido, de cujos trabalhos a imprensa brasileira muito se tem ocupado. E M. P. tem exactamente na mão um numero do seu jornal, onde se dá a notícia da morte horrerosa do barão de C... vítima da mordedura d'um animal venenoso, nas suas excursões pelo interior.

Que hão de fazer n'este caso M. P.?

*Como vêm o caso é deveras difícil; sobre esta ou outra forma, com pequenas alterações, sucede repetidas vezes na sociedade. É necessário portanto achar para elle a melhor solução. Que os leitores nos digam francamente que resolução tomavam em tão critica circunstancia.*

*Deste modo com os Exercícios e Casos DIFFÍCEIS julgamos ter inaugurado uma secção inteiramente nova no jornalismo português e brasileiro, e esperamos que os nossos leitores a recebam com interesse e sympathia, ligando-lhe a mesma atenção que outrora*

*ligavam nossos avós ás charadas e aos logógrados. Escusado será dizer que serão acochados como maior prazer todos os Exercícios e Casos DIFFÍCEIS que os nossos assignantes nos queiram enviar.*

365 dias do anno, para conhecermos o producto anual e encontraremos novamente depois de retirados os novos, o fútildico algarismo

0

Dividamos esse producto por 12 para termos a media mensal e veremos ainda excluindo os novos

0

0

e sempre 0

Voltemos á chimica.

Uma pequena analyse, nunca é por demais.

Tomemos só os corpos principaes :

São quatro :

*Duchesse Martin*

*Macbeth*

*Stagno*

*Van Zandt*

A *Duchesse Martin* tinha de ceder o caiporismo do seu nome! Por cá dizem que peça que tenha *Marin* no fermento... bumba... cahiu. Meilicac o espirituoso auctor da *Boute*, (representada entre nós com o nome de *Botija*) e da *Ma Camarde* anda a espicaçar o Comedie com peças em 1 acto para ver se lhe aguça a curiosidade a ponto de lhe pedir peça de maior folego. Pois aguça sim senhores, e já aguçou mesmo, mas não com esta que segundo os criticos dizem não é uma grande façanha. Que eu digo o que leio, porque a mim, que agradasse ou não pouco se me dava pois tinha sempre de a recommendar aos traductores que, não se prendem com essas pequenas misérias.

*Macbeth*, é o que se pode chamar uma peça de exportação. Sarah Bernhardt desejando formar um repertorio para sahir de França teimou em intercalar n'ella a obra prima de Shakspeare visto ter-se saido já uma vêx maravilhosamente da scena do somnambulismo representada em frente da critica franceza. Arranjou-se pois a peça, arregou-se em prosa, porque fóra de Paris são de dente bom, desprezaram se as traduções em verso que havia, arrumou-se um scenario velho, pagou-se a três homens para fuzarem de bruxas, compraram-se uns carvõesitos para mostrar uma foguaria e... zás... *Macbeth* em scena quasi como no tempo do auctor mas sem elle para suprir a tudo. Em todo o caso Sarah creu mais um grande papel e Marais coadiuvou-a muito bem. O novo director do theatro, M. Mayer de Londres, é que não foi muito feliz para uma estreia e eu por mim estou em acreditar que Sarah também perdeu a *mascotte* que a acompanhou sempre até seguir na India as aventuras do seu *Nana Sahib*.

*Stagno*, o grande tenor Stagno — grande só pelo tamâcho das letras com que no cartaz he escrevam o nome, como lho disseram os jornaes — o estimado cantor, applaudido no Portugal e no Brazil, quebrou a sua escriptura com o theatro de Paris e — sahiu!

Ora é preciso não esquecer que o que elle fez não é original pois que já alguém em Lisboa tinha feito o mesmo — sahir — mas em Stugão o lado raro é, o motivo porque elle sahiu....

A historia é de poucas palavras.

Stagno foi chamado para o *Italiano* na ausencia de Gayarre ou Gayarré como aqui o apelidavam — e elle nunca lhe importou isso, menos me poderá importar a mim — mas a quem daremos o sobrenome que elle recebeu em Lisboa e no acto baptismal.

Gayarre foi pois muito applaudido e sobretudo no *Rigoletto* ficou

consagrado,

como os papeis apregoram.

Mais tarde veio Stagno e debútando no mesmo *Rigoletto* foi tal o acolhimento que lhe fizeram que dias depois rasgava o contracto e indo para o seu paiz, trocava as agruras de vida de artista pela singeleza e sinceridade da vida domestica.

#### THEATROS

**D**ECIDIDAMENTE o *Mons Parturiens* continua a gemer!

Agora não são as dôres do parto que o apontam, são as do reclame! Tudo são dôres.

Coitado do pobre diabo, não quer fazer-se esquecido. São feitos. A elle deu-lhe para ali.

Depois de tanto trabalho deu á luz um ratinho... Fiasco medonho! Sim porque no fim de contas podia parir qualquer outra cousa, pois não é verdade?

Mas não senhores, um ratinho, um simples ratinho, tudo quanto ha de mais ratinho.

Ora adeus, tem havido tanta celebridade formada à custa de fiascos, porque não ha-de ficar socegado o infeliz parturiente. Deixa-o lá, que não poucos exemplos tem dado ao mundo.

Um homem conheci eu já — isto agora não vem ao caso, mas eu sempre lhes vou contar — que sentindo-se de noite com grandes inspirações para dar á luz um drama, levantou se da cama, sentou-se a uma mesa, abriu um tinteiro, molhou uma pena, deu... um espirro... e tornou a deitar-se.

Já veem quo entre o moate e o tal homem sempre ha alguma diferença; no menos o moate dit coisas mais solidas. Entre um rato e um espirro... Deixemo-nos de brincadeiras.

Querem que lhes diga? Esta quinzena fez-me lembrar do monte da fabula.

Muita promessa, muito esplahafato, muita gente incomodada, muito papel escrito e no fim de tudo isto... nada.

Vou proval-o.

Não é facil, sabem?

Talvez que por meio de duas operações chimicas e uma matematica tiremos algum resultado!

Experimentámos.

Convidou-os a entrar no meu laboratorio, prevenindo desde já que quem não for rival de Wurtz ou de Newton escusa de vir para cá tomar campo por que não percebe nem palavra.

Muito bem!

Comecemos por uma synthese:

Primeiras representações de *Duchesse Martin* no Comedie, *Athlète* no Odeon, *Joli Gilles* no Opera Comica, *Macbeth* no Saint-Martin, *Vendredi 13* no Beaumarchais; *reprises* de *Bérénice* no Odeon, *Joie fait pour* no Comedie, *Bébé* no Vaudeville, *Vie Parisienne* e *Lili no Variétés* e *Roi de carreau* no Folies-Dramatiques; re-entrada de *Gulli-Mariá* e de *Van-Zandt* no Opera Comica; sahida de Stagno, no Italiano.

Agora a taboada...

Sommos :

Peças novas.....	5
Reprises.....	6
Entradas.....	2
Sahidas.....	1
Total.....	14 — noves fóra 5

Passemos a outra operação :

Temos 5. Multiplicando por 9, numero dos theatros d'onde estas parcellas todas nos vieram, encontramos 45, de que extrahindo os noves, achamos

0

Tornemos a multiplicar o numero achado 45 por

Nada mais natural, pois não é assim?

Dois tenores que chegam, ambos afamados, ambos notáveis, ambos bem pagos, — applaudir-se um a patear-se outro. Naturalíssimo.

Som duvida, naturalíssimo, em qualquer outra terra que não fosse a França, em qualquer outra cidade que não fosse Paris.

Eu adoro Paris, mas como aquelas crianças encantadoras a quem estimamos doidamente, não posso com tudo perdoar todas as suas levidades, todas as suas impertinências!

O que quer dizer Paris applaudir ou assobiar Gayarre ou Stagno?

O que sabe Paris dos dois tenores? Um já conhecido em todo o mundo, outro já quasi volto de cantar, e que pela primeira vez só agora se apresenta em Paris!

Não posso calar-me perante um não apoiado que Paris berra nos ouvidos de todos que aclamam Stagno, como me incomoda a sua pretensão em querer descobrir Gayarre e consagrá-lo!

Irritam-me ambos os procedimentos.

Paris dará o tom, o toque, a linha, a última palavra em tudo que quiserem monos em música e música italiana porque a sua *Grande Opéra* lá está, encordecendo-nos, a protestar contra tudo que possam dizer a favor.

Nem uma causa lhes vale; o antigo risão: *Em casa de ferreiro.....*

O tananu da pretensão excede o valor do proverbio!

Em compensação, porém, no momento em que Stagno se retrava, fazia Van-Zandt a sua nova entrada no *Opera Comica* depois de uma estação em Monte-Carlo. Esta cantora de grande merecimento e de uma originalidade notável, traz, depois do seu passeio, sempre a mesma bagagem que levou e a que tem sempre trezido desde o seu débute:

*Mignon*

*Lakmé*

Dias antes tinha reentradu no mesmo teatro em *Carmen* outra artista de grande mérito, Galli-Marié, mas apesar de muito aplaudida não se tornou tão sensível. Ha gente assim; que se conforma.

Van-Zandt, da América pela origem, da França pelo coração, com as suas phantasticas idéas de só cantar quando para isso se sentir disposta, com os seus assaltos nocturnos de loucos apaixonados, com os seus caprichos de francesa e com os seus *spleens* de americana, estava irrefutavelmente sentenciada a ser o motor inventivo da nova palavra — *Fla-Fla*.

Disse já alguém que todos os grandes genios aplicados a qualquer fim imaginativo desde o Poema até ao Crime, encontram sempre um contemporaneo que nasceu expressamente para os descrever. Van-Zandt teve também o chronicista da sua exquisitissime e Pierre Desgenais, o redactor da *Indépendance belge*, que descobriu a sua palavra descriptiva, deveria ser sepultado — quando morrer, é claro — no mesmo tumulo da cantora, coberto pelo mesmo salgueiro, perfumado pela mesma violeta, regado pela mesma agua e encimado pela mesma divisa:

**FLA-FLA**

Quando a palavra apareceu — não há muito, dois ou três meses talvez — houve uma revolução, uma verdadeira revolução e eu faço uma pequena idéa das espontâneas interjeições, dos extasis repentinos e do pasmo subito de que as minhas leitoras foram invadidas ao lerem estas terríveis palavras; vejo o esboço dos olhos, o abrir de boca, o dilatar das narinas do amavel leitor ao cahir-lhe diante da retina esta phrasa tão problematica, tão inexplicavel e tão horrorosa até! *Fla-Fla!* O ruído e o espanto causado por estas pobres seis letras, ao serem depositas no regaço de Lisboa, sinto-o e vejo-o tão bem, tão bem; como se entre mim e elas não mediassse a curtissima distancia de 2,124 kilómetros de linha ferrea marcados no *Guia oficial dos ferro-carriles*, um dos melhores e dos menos

complicados que tem apparecido (sem reclame ao editor!)

Os pais de familia gravilhudos e serios dentro d'um chambre de chita e d'umas chinelas de tapete ficaram aterrados no verem apperecer *Fla-Fla* no meio do seu almoço de leite do *Alvella* e de *margarina* de *Alcantara*, da mesma sorte que o horrivel *Mane Thecol Phare* no festim de *Balthazar* (exemplo que elles háo de procurar para eradicuar das meninas e prova do que apprenderam em pequenos). As mães, coitadas, de roupão branco largo, arrendado em estrelas, comprado n'uma loja d'objectos da Ilha da Madeira e envolvendo em coifa de trancinha a borda, os poucos cabellos, — martyres gloriosos que ainda esperam pacientes, igual suppicio ao que tem arrebatado, um por um, todos os seus infelizes companheiros — pensaram ao vera hieroglyphica phrase n'um novo *pudding* ou em algum moderno guisado similarmente em tudo aos antigos mas com diferente nomenclatura para abri mais o apetite e sugar mais a gula! As filhas, casadoras já, e casaveis à custa de muito trabalho seu e de muita economia do pae, encontraram só em *Fla-Fla* um exquisito l-cinho ou alguma renda da ultima cor da moda.

*Fla-Fla!* Uma intriga! Para uns era a palavra de passo d'uma seita secreta, para outros a ultima expressão do dandysmo parisiense; para estes um novo abyssmo que podia atrahilhar inconscientes, para aquelles um bom estribilho a explorar nas salas!

As lojas e os corações foram invadidos, aquellas de freguezes que queriam a todo o transe comprar *Fla-Fla*, estes da curiosidade invencivel de conhecer o que fosse *Fla-Fla!* E, que diabo, era bem perdoável, tanto o afan dos primeiros como o entusiasmo dos segundos porque no fim de tudo *Fla-Fla* sendo se podia vender aos kilos e senão podia satisfazer desejos era em compensação deveras benignos, a ultima palavra de Paris, o nome d'um novo ruído que com fôbre se procurava produzir na capital do globo, e era em si a derradeira expressão do mundo teatral. Além disso *Fla-Fla* como o *Fru-fru* como o *Brou-ha-ha* como o *Fric-Frac* exprime perfeitamente o sentido para que foi inventada e... faz mais do que qualquer das outras palavras, cria vontade de ter e de produzir! Os proprios jornais perguntavam em alto berreiro: *Quem quer o primeiro *Fla-Fla*?*

Aqui está em que Paris é exímio!

Porque no fim d'esto barulho todo ninguém poderá negar a *Fla-Fla* entrada nos dicionarios uma vez que o *Brou-ha-ha* e o *Fric-Frac* lá tem um lugar. O *Fla-Fla* será usado em todas as palestras, metido em todas as conversas como o *pschutt* e o *chic* e esses mil nadas, fructos de imaginações phantasticas e... ociosas (digamos a verdade) nadas, que o uso converte, mais tarde, em *palavras correntes* e aceitadissimas! Substituirá mesmo, e oxalá o faça, esses milhares de francesismos que inundam os jornais e asphixiam os escriptores, desterrará os *voulu tout*, e os *hors ligne*, os *tort et à travers*, porque — amoldando-se a palavra — poderemos aludir a *Fla-Fla* aos que possuindo uma linguarão rica, a adulteram sem necessidade.

Mas, em summa, explicadas bem as coisas: O que é *Fla-Fla*?

*Fla-Fla* é o ruído, o murmurio, o renome que atrai como que por encanto certos individuos que pertencem ao teatro! O *Fla-Fla* é a senha que corre de boca em boca, é, o que se conta, o que se diz do facto, são os comentários e as exagerações a que elle dá origem, são enfim as narrativas do successo augmentadas progressivamente por cada pessoa que as vai fazendo, na mesma proporção que o numero de oyos da celebre historia do *Príncipe encantado*, tão nossa conhecida! *Fla-Fla* é pois o escândalo de teatro! E... se o escândalo só por si podia tornar conhecida e mesmo appreziada uma mediocreza artística, o *Fla-Fla* torna-a famada e applaudida até, talvez, porque — a Arte que se conforme — o espectador é assim!

O publico preferirá muitas vezes, ver em scena uma actriz mais inferior mas cujo *Fla-Fla* lhe echoe aos ouvidos por todos os corredores do teatro, do que uma boa artista que não venha pre-

cedida de barulho nem d'escândalo e que traga apenas na mulinha o seu merito e a sua sisudez!

Parcerá um aborto, mas não é tal!

Ha entretanto uma conformação para elle: as excepções.

A meu ver parem o *Fla-Fla* é uma nova porta aberta para a celebidade a todo o artista que pela arte não consiga ser conhecido.

O exemplo temos feito ver que o escândalo lhes dava glória, o futuro nos luu de mostrar que o *Fla-Fla* lhes dará renome!

Van-Zandt porém não carecia de *Fla-Fla* porque lhe prevejo um grande futuro sem elle, e é para sentir a verdade que fosse elle quem fornecesse a Desgenais os documentos para o seu privilegio de invenção.

Concluindo, o que resumiram da quinzena? Tanto como eu:

0

J. M.

Manuscreto. — Irving, o grande tragico inglés, colheu durante a sua viagem de 6 meses pela América do Norte a insignificante quantia de 405,000 dollars, 2,030,000 fr., ou 363,400,000 reis o que lhe deu uma media diaria de 11,000 francos ou 1,000,000 reis. Nemhum outra actriz, comedianta ou cantor, tinha antes d'elle e em tão pouco tempo, ganho tanto dinheiro nos Estados Unidos. — Estou em grandes duvidas para acreditar. — Ugalde a graciosa *actrela* da *Nouvelles* parte para a Russia onde a prende uma brillante escriptura. — *Tres Macbeths* estão em perspectiva. Um e que se representou no S. Martin, vereda em prosa por J. Richépin, entro no Odeon, em verso por Lacroix, o terceiro no *Comédie* por traductor desconhecido seu ignora. — Quem não vir a obra de *Shakspeare* é porque resolvidamente o não quer fazer. — Coquelin publicou um curioso estudo sobre o *Tarifage* de Molière que se torna muito recomendável a todos os nossos bons actores. — Apareceu uma linda comédia em 1 acto que Coquelin *cadet* e Reichelberg, dos societários do *Comédie*, representam pelos salões de Paris e que nos de Portugal e Brazil deveria produzir entusiasmo. Título: *Petits Pois*. — Descobriu-se uma partitura original dos *Huguenotes* em que o côro dos punhais no 4º acto em vez de ser cantado por S. L. Bris, é cantado por Catherine de Medicis que vem em pessoa animar a carnificina de S. Bartolomeu. — O teatro de la *Momale* em Bruxellas, vai montar a opera de Wagner, *Les maîtres chanteurs*. — *Pastor de mouche* a bonita peça de Sardou vai passar ao repertorio do *Comédie*. — As peças novas annunciadas são as seguintes: Odeón: *Le moyen dangeroso*, *Les imbeciles*, *La maison des deux Barbeau*. — Opera Comica: *Cleopatra* (Victor Massé). — Gaîté: *Mille et dixième nuit* (opera comica). — Nouvelles: *La nuit aux soufflets*; Variedades: *Poste pour dames*. — Os outros teatros vão fazer reprise de *Caprices de Mariantine*, *Visite de Noces*, *Grand Mogol*, *Moqueurais au couvent*, *La vie d'un joueur*, *Poule aux œufs d'or*, *Contes d'Edgar Poe*, *Drame dans le fond de la mer*, *Présomptif*. — O Château-d'Éau vai reabrir com *Les martyrs* de Donizetti.

## AVISO

Pedem-nos urgentemente de Lisboa que reimprimamos o 1.º e 2.º numero do nosso jornal, para satisfazer a todos os pedidos de assinaturas que chegam dia a dia das províncias.

Nunca esperavamos semelhante éxito — esgotaram-se os 6.000 exemplares d'um só numero — e vamos refazer inteiramente todo o trabalho dos dois numeros.

Prevenimos portanto os nossos assinantes de que já démos todas as ordens à nossa typographia de Paris para que se faça nova tiragem dos numeros que faltam, devendo ser expedidos com o 4.º e 5.º numeros.

L'Imprimeur Gérard P. Meunier

PARIS. — IMP. P. MEUNIER. 13-14. QUAI VOLTAIRE. — 1889.

## O MARQUEZ DE TSENG

No momento em que o marquez de Tseng, o ministro plenipotenciário da China em Paris, Londres e S. Petersburgo tem de deixar a França, abandonar Paris, e ceder o seu lugar a um outro diplomata do Celeste Império, a *Illustração* não podia deixar de publicar o retrato do homem que mais figura na desgraçada questão do Tonkin, que ia levando a França quasi ao extremo de declarar a guerra à China.

Hojc estão estabelecidas as bases do tratado de paz que se vai assinar em breve; reconhecido o protectorado da França sobre o Annam; todos os portos abertos ao comércio. A França responderá generosamente à China não exigindo uma indemnização de guerra, que qualquer outro país teria reclamado ou pela boca dos embaixadores ou pela boca dos canhões. E o marquez de Tseng teve de abandonar o seu posto junto do governo da República, porque não podia continuar n'uma triste situação política ao lado do sr. Jules Ferry que subiu vitorioso d'este gravíssimo assunto.

Em geral a imprensa alemã e a imprensa inglesa consideram o marquez de Tseng como um habil e fico diplomata, tendo conduzido admiravelmente a questão do Tonkin. Mas apesar da sua habilidade e da sua firmeza o Celeste Império foi o man-



O MARQUEZ DE TSENG, ex-ministro da China em Paris.

dando substituir incontinentes pelo seu ministro em Berlim, enquanto não chega à Europa o novo embaixador junto da República francesa, e que já devia ter saído de Hong Kong.

Digam o que disserem os jornais seus amigos e os governos europeus que o protegem com segundas intenções, o que é um facto é que o celebre marquez de Tseng é em grande parte o responsável da guerra que os franceses tão corajosa e tão nobremente sustentaram no país do Annam contra os bandidos que o infestavam, e teria perfeitamente evitado os combates no Tonkin se a sua política não fosse tida de hesitações, de subterfugios.

Diz-se que o marquez de Tseng é a expressão exacta da diplomacia quando vive de expedições, de receitos e de equivocos que dão apenas em resultado uma guerra e quasi sempre o aniquilamento ou o descredito político dum país. A França ficou collocada n'uma excelente posição. Mas não será bem ridículo a situação actual da China submettendo-se livremente a um tratado que ella não queria aceitar ainda há um anno, confiando nas suas fortes e nos seus canhões, ignorante como estava das forças de que a França dispunha? E não era do dever do seu ministro illacidal, esclarecer a em tão melindroso assunto?

## A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR: MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS. — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI. — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

## EDIÇÃO PARA PORTUGAL

## EDIÇÃO PARA O BRAZIL

## PREÇO DA ASSIGNATURA

## PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno	2.400	Anno (Côrte)	12.000
Semestre	1.200	Semestre ( " )	6.000
Trimestre	600	Anno (provincias)	14.000
Avulso	100	Avulso	500

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE

Escriptorio em Paris: 7, rue de Parme.